



VIDAS IMAGINÁRIAS...

ma no troppo

ADA KROEF

UM POETA

Escrever é fluxo que se congrega com outros fluxos. Desterritorializações que potencializam novas conexões; ampliação de conexões com o cosmos. Ser traidor do mundo das significações dominantes e da ordem estabelecida. Navegador das linhas; embarque numa grande expedição onde somente há incertezas do que está por vir – invenção de uma linha de fuga. As linhas não preexistem, é preciso traça-las. Fugir! Fugir é criar vida, encontrar armadilhas. Sair dos eixos. Sempre há algo demoníaco em uma linha de fuga, que salta os intervalos, não como os deuses que possuem atributos, propriedades, funções, territórios e códigos. Embarcar numa linha de fuga, de carona na vassoura da bruxa, tornar-se outra coisa senão escritor, traidor das escrituras, criando ao desaparecer sua identidade, seu rosto, diluindo-se na escrita. Tornar-se vidente, um ouvidor, um pintor, um músico, um dançarino, arrastando as palavras no infinito universo em mutação e expansão constantes. Escrever é extravasar qualquer matéria visível ou vivida; uma passagem de vida inseparável do devir, velocidade do entre, do que passa entre, fluxos entre as binariedades. Borrar as fronteiras, encontrar uma zona de vizinhança, o indiscernível, a indiferenciação... Há pinturas, músicas, danças próprias da escrita: efeitos de cores e sonoridades e movimentos e... a gagueira...que possibilita ver e ouvir e dançar entre as palavras. Escreve-se para dar vida onde está aprisionada, traçando linhas e fuga. Fugir. Evadir. Criar. Escrever e dançar com o corpo, sons e imagens. Pausas, silêncios que resistem. Mergulhar e retornar a superfície para um pouco de ar! Escrita-cestácea. Melville. Ondas que quebram em mim. Mar espaço liso, onde no nomadismo os navegadores da escrita atiram-se ao inesperado, inusitado, aventurando-se no movimento ondulatório das letras, das linhas de forças-escrita. Ouvidores dos cantos das sereias encantadas!! Universo submerso, com seres imaginários de Borges, colossal do antigo testamento, habitado por seres demoníacos, seres do desconhecido. No naufrágio, onde tudo

parece escuro, a luz da superfície mostra a emergência de uma vida. Potência da deriva “por mares nunca dantes navegados.” Não há lugar para o mar no jardim do Éden Vida-Mar-espaço liso. É preciso criá-lo no movimento das palavras escritas e nas que estão por vir. Viajar, expandir referências além do vivido, O não pensado do pensamento, violência no ato da escrita, deslocamentos corporais e de pensamento e de significação para a produção de novos sentidos, Escrita-mundo. Poeta artista das palavras, marca as linhas cartográficas nos mapas abertos, em processos mutantes, exaustão do corpo em delírios embriagados na madrugada, Esgarçando as entranhas animais, bruxólicas. Devir-escritor construtivista das palavras, numa composição poética que foge dos limites, das significações e estereótipos. Grita seu livro como um uivo de lobo que anuncia a lua.

UM QUADRO

Uma linha transversal faz-se cortina transparente, onde é possível ver um poeta atravessá-la.... Vai e vai e... TRANSpassa o tecido. Como uma vida. Vai e vai. Inúmeras entradas e saídas nos encontros. Fugazes, efêmeros, mas intensos. Relações recortadas em intervalos... pulos, saltos. Peralta. Devir-criança pula, grita, desenha, dança, colore. Pq crianças se parecem com poetas e filósofos... São devires crianças dos filósofos e poetas e homens e mulheres e animais ou são devires filosóficos, poéticos, homem, mulher, animal da criança? Atravessar a cortina... Fazer ver um poeta num quadro de Bacon. Poeta-fantasma que habita linhas e planos. Habitante vida. Solidão habitada, indiferença disfarçada. Véus-cortinas. Névoa. CsO. Paisagem! Desfazer o rosto na fantasmagoria descortinada. Disforma colorante!! Abre-se e fecha. Semiaberto, entre voal e transparências o corpo desfaz-se. Onde? Para onde? Caos, potência de vida e de morte. Morre-se nas linhas que atravessam o quadro. Composição! Arte-movimento, poesia sonora, ondas coloridas e colorantes produto-produtoras de afeções. Movimentos de pincéis, mãos, cérebro-caóides. Ziguezague de cores, texturas e (dis)formas. Dissonâncias indiscerníveis indivisíveis indizíveis. Mistura de cores- branco. Corpo nu. Pele: o mais profundo dos órgãos. CSO do organismo e da organização.... Ordenamento do caos, mergulho. Figura estética e personagem conceitual poético e artístico e filosófico e científico. Planos entrelaçados cruzados como as cortinas de voal. Branco-corpo, cortina-pele! Poderosas linhas de tecido também humano. Linhas de escrita que evadem da linguagem! Correm, cotovelando as cortinas, transpassando, gritando lobas, Aquiraz. Composição de sonoridades poéticas. Corpo-som, onda-som, movimento, respiração, pausa.. Ritornelo, como o canto do pássaro, o caminhar elegante e manso do gato, o latido dos cães, ondas de águas de Iemanjá. Velas das jangadas que desbravam as ondas para flutuarem nos mares-correntezas-ventos! Direções incertas, mais e menos previsíveis. Inusitados movimentos que percorrem as ondas. Quando quebram, verde limão, nas areias que só ficam amarelas ao entardecer, às sombras dos coqueiros. Brancas no amanhecer onde espelham nuvens. Cada nuvem um conceito, planos esburacados... platôs de algodão? Águas vaporizadas? Poesias molhadas. Linhas cruzadas, marcando a singularidade de cada palavra-conceito. Poeta que atravessa a cortina... cortinas de águas, areias, ventos, velas, palavras.

Prudência para não espantar os devires poeta-quadro-pintura-disforme!

Pintura com Bacon, Deleuze e uma matilha toda! Fan tás ti ca!

Composição pictórica-poética!

UMA IMAGEM

Mar como imagem do pensamento rizomático-arborescente. Território dos Cestáceos e de mergulhos sucessivos dos poetas. Mar espaço liso. Paisagem da educação, onde ela dissolve-se para a potência de uma pedagogia do conceito. Desrostificação abate as árvores em prol dos rizomas. O imprevisível. Inusitado. Ritmos e balanços. Flutuações, Correntezas. Ventos e velas. Matizes coloridas que produzem

pinturas mutantes. Entre o céu e o mar: muitas linhas a traçar!!! Território, também, dos Lobos do mar em devires animal e humano, e.. que, com seus uivos, anunciam os presságios, agouros e o por vir!!! Fluxos de ondas desterritorializantes de fuga criadora da educação, produzindo um currículo nômade dele mesmo!!!! Evadir das significações e cognitivismo para criação de novos modos de navegar nos planos-caóides. Deslizando, surfando em ziguezague. Como as velas que singram no espaço liso-mar. CsO, desvia, corre, entre o organismo e a organização. Mar-paisagem potência de devires. Superfície, onde novas percepções são disparadas pelos devires. A paisagem vê! O poeta-homem, dilui-se na paisagem, conectando-se maquinicamente, com sua máquina de navegar, com baleias, tubarões, dourados, ventos, gaivotas, sereias, lobas... Nos movimentos marítimos, ações e forças compõem e se decompõem, ocupando sua superfície. As ondas adquirem nomes próprios. Elas povoam o mar. Quando deslizam nesta superfície, entre as relações de forças e os estados da água, os poetas-navegadores produzem conceitos, ativam saberes, inventam nomes próprios que escapam do conhecimento. Conceito-heterogênese, ato do pensamento que adquire consistência, assinalando multiplicidades. Na paisagem, os limites do mar e do céu borram-se e se desfazem. Linha do horizonte mutante e imprecisa. Movimento. Navegadores-poetas das linhas de escrita, procuram fixá-la para marcar seus deslocamentos. Entretanto, esta linha provoca novas percepções e perceptos. Céu e mar misturam-se formando zona de imprecisão, de indiscernibilidade. Nesta paisagem, a imprecisão e o descontrole anunciam as fragilidades dos limites do conhecimento, da realidade e da verdade habitantes da educação. Neste espaço, a humanidade dilui-se. Ilhas Desertas, ilhas apagadoras de vestígios humanos, recusando-se serem habitadas pelo homem Ilhas moventes, cuja localização incerta, provocada por ventos e correntes, produz sua duplicação no mar . No mar é impossível fixar-se, mesmo quando o movimento e as velocidades diminuem os graus de intensidade, assumindo a densidade da calmaria ou das águas que se solidificam em gelo. Devires das águas. Mar invadido pelo deserto. Os planos se superpõem, diluindo a fronteira da costa e anunciando a existência da terra pelo deslocamento de seus elementos e partículas em novas composições que flutuam na superfície, colorindo a água. Forças e as velocidades dos ventos provocam deslocamentos abrindo infinitas possibilidades de criação e afirmação de diferentes mundos. A passagem de planos faz da navegação marcas pelo abandono da terra firme, realidade, certezas, da condição humana. Ela corta fluxos, gerando uma abertura para novos modos de vida. Mar espaço liso que se deixa estriar. O liso e o estriado se afrontam no mar. Um movimento estria o liso, mas outro, não simétrico, restitui o liso a partir do estriado. Movimentos dissimétricos quebram a oposição simples liso/estriado, remetendo a alternâncias, superposições, complicações. Possibilidade de habitar de um modo liso um espaço estriado. Habitar o mar em viagem-árvore e viagem-rizoma. Mistura. Pensar é viajar, mesmo as viagens no mesmo lugar podem ser nômades. Viagens de intensidades. Estriamento do mar tornou-se uma ordenação extensiva a outros lugares: o deserto, o céu, o gelo, a estepe, a terra estriada, a educação. Mar-grande-abismo. Espaço de mistérios insondáveis, massa líquida sem pontos de referência, imagem do infinito, do incompreensível.. O horizonte líquido sobre cuja superfície o olhar se perde não pode integrar-se à paisagem fechada do paraíso. Querer penetrar nos mistérios do oceano é resvalar no sacrilégio. Esse reino do inacabado, vibrante e vago prolongamento do caos, simboliza a desordem anterior à civilização. Uma criatura feita à imagem de Deus não saberia estabelecer sua morada fora do jardim ou da cidade. Leviatã (na Bíblia), em companhia de Lilith (no Zohar), são monstros habitantes do mar, marcando a presença satânica. Oceano, recipiente líquido dos monstros, é um mundo condenado, obscuro, onde criaturas malditas se entredevoram. Esse mundo cruel da absorção em cadeia, da devoração em série, anuncia o domínio de Satã, das potências infernais. O caráter demoníaco do mar em cólera justifica o exorcismo. As tempestades são obras destes monstros. Devir-tempestade gera desvios das explicações científicas e meteorológicas. Oceano caótico, avesso desordenado do mundo, morada dos monstros, agitado por poderes demoníacos, apresenta-se como uma desrazão; a violência imprevisível de suas tempestades hibernais atesta sua demência e a fuga do caminho para a salvação dos homens. Numa relação com

a paisagem, educação rostifica uma ação salvacionista articulada em seus traços diagramáticos. Educação e escola, ainda hoje, não deixam de prometer uma espécie de paraíso. Barcos, jangadas, máquinas de navegar na abundante literatura científica e médica, desterritorializa-se da salvação. Passam articular-se às experiências dos navegadores modernos, reforçando as imagens negativas do oceano. A embarcação é entendida como um lugar maléfico. Entre seus flancos de madeira úmida acumulam-se os germes da fermentação e putrefação; no fundo do abismo negro e fétido do porão, a latrina concentra toda a podridão. Dos navios, surge, a infecção, emerge a epidemia. A nave no porto ameaça a saúde da cidade. Mar faz apodrecer marujos-poetas. A travessia provoca o escorbuto. Doença deteriorante da carne de suas vítimas. Decomposição dos alimentos embarcados, a descoberta de doenças exóticas. Embarcação é um lugar onde se depositam dejeções, lixo, imundices. Devir barco-doença torna seus habitantes ameaçadores, sujos e indesejáveis. Assim, mar torna-se território dos marginais em que se reconhecem navegadores-poetas. O próprio mar putrefaz. Estriamento marítimo compõe-se com o céu. Marcações. Medições de pontos celestes pela astronomia e geometria provocam fixação de referências.. O mapa do céu fixa pontos. Ainda, o mar como espaço liso, dispõe de uma potência de desterritorialização sobre o espaço estriado dos mapas desenhados. O liso pode ser traçado e ocupado por potências diabólicas, pois há dois movimentos não-simétricos: o que estria o liso, mas, também, o que restitui o liso a partir do estriado. Instante do mar- paisagem, corpo sem órgãos da educação. As práticas autoPoéticas produzem nomadismos, instituindo espaços lisos, pensamentos-nômades. Linhas de escrita...

Texto escrito com Deleuze, Guattari, Borges e uma multidude!!!!